

História da religião: analisando a *Epopeia de Gilgamesh* e a mitologia genesiana

History of religion: analyzing the Epic of Gilgamesh and the mythology genesiana

*Fábio Falcão Oliveira*¹

Resumo

O presente artigo oferece ao leitor um entendimento da força do símbolo da Árvore Cósmica (Árvore Sagrada) como perspectiva de centralidade universal. Sabemos que diversas culturas apresentam a Árvore como *signo* e percepção religiosa para entender o mundo. A Árvore Cósmica aparece como hierofania que revela ao homem o sentido da vida. Caminharemos de maneira singular percebendo que várias civilizações oferecem um sentido singular para o mito, aproximando-se uns dos outros. Partindo do mito genesiano e da *Epopéia de Gilgamesh* caminharemos por diversas reflexões entendendo como a árvore sagrada pode oferecer ao homem uma interpretação do universo por via de seu significado.

Palavras chaves: Árvore Cósmica, árvore sagrada, hierofania, mito genesiano e *Epopeia de Gilgamesh*.

Abstract

This article provides the reader with an understanding of the power of the Cosmic Tree symbol (Sacred Tree) as prospect of universal centrality. We know that different cultures have a tree as a religious sign and perception to understand the world. The Cosmic Tree appears as hierophany that reveals to man the meaning of life. We walk in a singular way realizing that several civilizations offer a singular sense to the myth, approaching each other. Leaving the genesiano Myth and Epic of Gilgamesh walk for several reflections understanding how the sacred tree can offer man an interpretation of the universe by means of its meaning.

Key words: Cosmic Tree, Sacred Tree, hierophany, genesiano myth and *Epic of Gilgamesh*.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR. Professor da disciplina de História da Educação da Faculdade de Pedagogia de Conchas (FACON) – São Paulo.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade apresentar uma leitura de aproximação da *Epopéia de Gilgamesh* com o mito de *Gênesis* capítulo 2. 15 ao 3.24. Ao leitor oferecemos a possibilidade que perceber que a Árvore da Ciência apresentada no mito genesiano assimila da *Epopéia de Gilgamesh* elementos para sua construção literária.

Como ponto crucial para construção deste artigo passaremos a explorar o simbolismo da Árvore da Imortalidade de Gilgamesh e a Árvore da Ciência do livro de *Gênesis* para apresentarmos um paralelismo importante na construção do conhecimento.

Isso só será possível porque decidimos fazer uma história da religião onde caminharemos pelo *signo* sagrado (árvore sagrada) cultuado e reverenciado tanto pelos judeus como pelos mesopotâmicos.

Neste aspecto, quando se fala de símbolo destacamos a hierofania que se revela no objeto cultuado. A Árvore Cósmica não é apenas um símbolo de centralidade *mundi* mas também equilíbrio cósmico e forma de interpretação do universo.

Para isso, usaremos algumas obras de Mircea Eliade cuja base nos oferece reflexão para esse exercício. Sempre partindo do mito genesiano e da *Epopéia de Gilgamesh* formaremos heterogeneidades discutíveis para o entendimento formador e simbólico que a Árvore Cósmica pode oferecer ao homem diante do Universo.

1. Partindo da *Epopéia de Gilgamesh*: disparidades similares ao mito genesiano do conhecimento

A Árvore, num sentido geral é um símbolo usado por diversas religiões em toda parte do mundo. Existe um sentimento religioso envolta dela. Tanto

semitas, africanos, europeus, asiáticos ou meríndios da América todos cultuam de forma mística a árvore.

No judaísmo o simbolismo da Árvore como algo sagrado aparece logo no livro de Gêneses capítulo 2 versículo 9 que segue da seguinte forma: “E o Senhor fez brotar da terra toda árvore agradável à vista, e boa para comida: e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal”².

O escritor do mito genesiano escolheu o lado do oriente para colocar um jardim; entre todas as espécies de plantas duas árvores eram especiais, uma é a “Árvore da Vida” e a outra a “Árvore da Ciência” que ficava no meio do jardim do Éden³.

Nesse jardim do Éden, Eliade aponta que o Deus genesiano criou o homem especialmente para “cultivar” e “guardar”. Esse jardim recebe o nome de Éden que significa “delícias” em hebraico (é'den, עֵדֶן): por causa da quantidade de árvores frutíferas que existiam no jardim; para cultura semita esse jardim se encontra no meio do mundo⁴.

Éden é uma palavra que vem do acadiano *edinu* e em sumério significa “planície”. Palavra que foi associada com a raiz hebraica *'adan* (que significa “desfrutar, ter prazer e conforme foi destacado, delícias”⁵). No Gênesis 2. 8, 10; 4. 16 encontramos a geografia propriamente dita do jardim, o local que ele se encontra – identificando o rio Tigre e Eufrates. O jardim do Éden é um símbolo

² Todas as Referências Bíblicas que se encontra neste artigo usamos a **BÍBLIA SAGRADA**. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Devemos também lembrar que quando parafrasearmos um autor colocaremos apenas a referência sem paginação conforme as normas da ABNT. Se houver a necessidade de informarmos a paginação do autor citado é porque estamos utilizando um conceito do mesmo na paráfrase e gostaríamos que o leitor acompanhasse a reflexão feita por nós.

³ JOSEFO, Flávio. “Antiguidades Judaicas”. In_: **História dos Hebreus**. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990, Livro I, § 4.

⁴ ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas**: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis, vol I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 164.

⁵ HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L. e WALKER, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro *et al.* São Paulo: Vida Nova, 2008, § 1568.

que representava grande fertilidade (Is 51.3, Ez 36.35 e Joel 2.3) e cada autor no Antigo Testamento pode representá-lo de maneira diferente, exemplo:

Em Isaías 51.3 o Éden é paralelo da expressão “jardim do Senhor” (cf Gn 13.10), e em Ezequiel 28.13 “jardim de Deus” é oposto de Éden. (Observe a mudança do nome divino. A passagem de Isaías emprega lavé porque trata basicamente de Israel e sua restauração; a passagem de Ezequiel emprega a palavra Elohim porque apresenta o Éden como a região mais gloriosa de toda criação terrestre) (...) Em Ezequiel 28 o Éden, o “jardim de Deus”, está situada no santo monte de Deus (Ez 28.14,16) (...) nas passagens do livro de Gênesis o escritor está interessado em algo mais além de geografia. Ali Éden simboliza um estado de comunhão perfeita, não rompida, entre Deus e o Homem.⁶

Esse valor existencial do Éden acaba se manifestando na sua centralidade *mundi* ao qual se encontra uma Árvore Cósmica. A árvore no centro do jardim revela a sacralização territorial de um pedaço de terra.

A proibição de experimentar o fruto desta árvore revela uma ideia, aliás desconhecida para aquela cultura até aquele momento (Gn 2. 16-17). O Éden é lembrado pela abundância de árvores (Gn 3.9) e no deserto na parte sul da Palestina um Oásis era um abrigo, local de descanso, refrigério para alma – esse é o símbolo do Éden para os semitas.⁷

Existem elementos significativos sobre a Árvore Cósmica⁸ tanto na cultura hebreia como em outros povos, porém, o texto genesiano não é uma produção puramente judaica. O escritor do livro de Gênesis está contaminado de muitas culturas que está em sua volta incorporando elementos de outros povos para estabelecer seus próprios mitos. “Adão”, “Eva”, “a serpente”, a “Árvore da Vida” e a “Árvore da Ciência” são elementos conhecidos por outras

⁶HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L. e WALKER, Jr. Bruce K. Op.cit., §1569.

⁷ Ibidem.

⁸ Segundo HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L. e WALKER, Jr. Bruce K a palavra árvore em hebraico é ‘etsâ (עֵץ) e significa “árvore”, não só isso, “madeiro, tora, madeira, tronco, vara, etc” e esta palavra pode ser empregado de forma coletiva (Lv 26.20) e também pode aparecer no sentido singular para se referir a uma única árvore (Pv 11.30), ou “madeira que é usada para construção” (I Rs17. 10, 12), “madeira de construção” (Ag 1.8), “lenha de sacrifício” (Gn 23. 3), ou “utensílio de madeira” (Lv 11.32), etc - Ibidem, 2008, § 1670.

culturas, por outras civilizações com outros nomes e significados, não é um produto puramente judaico. A exemplo disso Eliade comenta:

O cenário lembra um símbolo mitológico muito conhecido: a deusa nua, a árvore milagrosa e seu guardião, a serpente. Mas, em vez de um herói que triunfa e se apodera do símbolo da vida (fruto milagroso, fonte da juventude, tesouro, etc), o relato bíblico apresenta Adão como vítima ingênua da perfídia da serpente. Temos, em síntese, uma imortalização malograda, como a de Gilgamesh⁹.

O mito genesiano assimila a ideia da Árvore da Vida como possibilidade de oferecer vitalidade para viver de forma imortal na *Epopéia de Gilgamesh*, isso é inegável. Gilgamesh foi o herói babilônico e o principal personagem do livro que lutou contra vários inimigos e contra seu próprio orgulho para alcançar a Árvore - chegou a perder sua premiação quando foi enganado pela serpente.¹⁰

Greene e Sharman-Burke entendem que a epopeia babilônica de Gilgamesh é uma longa história de 4000 mil anos de idade, que descreve as proezas do primeiro dos grandes heróis míticos, seus valores, sua grandeza e também, suas imperfeições.¹¹

O mito genesiano acaba invertendo alguns valores. Exemplo, na *Epopéia de Gilgamesh* o herói é enganado facilmente pela serpente que é a protetora da Árvore da Imortalidade. No mito genesiano Eva é enganada, ela é frágil e fraca enquanto Adão, primeiro homem é colocado no Éden para guardar e lavrar o jardim (Gn 2.17) mostrando-se forte no serviço do Deus criador do Éden. A serpente sem poder sobre o homem necessita da ajuda da mulher para enganá-lo (Gn 3.6). É claro que o mito de Gênesis apresenta uma proposta patriarcal desértica onde o valor passa pelo homem e existe certa depreciação da figura da mulher.

⁹ ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas**: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis, vol I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 p. 166.

¹⁰ Idem. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

¹¹ GREENE, Liz e SHARMAN-BURKE, Juliet. **Uma viagem através dos mitos: o significado dos mitos como um guia para a vida**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Sobre isso o Eliade lembra que o nome próprio *Eva* é um termo solitário enquanto na *Epopeia de Gilgamesh* a mulher nua (a protetora da Árvore da Imortalidade a ninfa Siduri) apresenta-se como uma fortaleza e a serpente disposta a lutar pelo segredo da imortalidade. Tanto a ninfa como a serpente são guardas da Árvore Cósmica, digo, protetoras, defensoras da ganância dos homens e é o herói babilônico Gilgamesh que tentam enganá-las.¹²

Totalmente diferente do mito genesiano onde a serpente e Eva se tornam cúmplices para enganarem Adão que inocentemente come do fruto da Árvore da Ciência. O gênero masculino na *Epopeia de Gilgamesh* é o personagem da busca desenfreada pelo fruto sagrado; Gilgamesh teme a morte, os anseios da vida, a fraqueza da carne. No mito genesiano, por ser escrito num âmbito de um sistema patriarcal Adão é salvaguardado e toda culpa cai em Eva (Gn. 3.12).¹³

No mito bíblico a profanação da Árvore da Ciência é iniciada por Eva enquanto na história mais antiga é Gilgamesh que profana a árvore sagrada. O mito genesiano não só assimila o mito de Gilgamesh como inverte os valores sociais - sabe-se que o mito genesiano é muito mais novo que a *Epopeia de Gilgamesh*.

Voltando ao mito de Gilgamesh, toda história se passa na cidade mesopotâmica de Uruk (conhecida por Unuk) fundada pelos sumérios e ocupada anos mais tardes pelo povo de Acad – situa-se a margem Oriental do rio Eufrates em Warka, sul do Iraque. É em 2900 a.C. que a cidade Uruk teve

¹² GREENE, Liz e SHARMAN-BURKE, Juliet. **História das Crenças e das Ideias Religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis**, vol I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 83-86.

¹³Segundo OLIVEIRA, Fábio Falcão. “Mulher, Esquecida da Teologia, Banalizada pelo Homem”. In.: VALENTIN, Ismael Forte e OLIVEIRA, Fábio Falcão. *Revista Edifica/Teologia, Filosofia e Educação – Ensaio Teológicos*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Degaspari, N. I. junho de 2010, p. 68. A mulher é banalizada pelo mito genesiano; sua imagem passa a ser prejudicada e isso se torna simples de entender porque a região cujo mito foi formado é uma região desértica dominada pela valorização do papel do homem, isso é o sistema patriarcal.

seu apogeu. No Antigo Testamento é chamada de Ereque (Gn. 10.10) fundada por Ninrode.

Serra lembra que na “época de Uruk” na lista dos reis mesopotâmicos o primeiro a aparecer na lista não é Ninrode como informa o Antigo Testamento e sim Emerkar; isso levando em consideração que a história da mesopotâmia estendeu-se de 4000 a 3200 a.C., muito antes dos Hebreus serem cativos no Egito ou mesmo da fundação da religião judaica. Gilgamesh aparece na relação como quinto rei de Uruk.¹⁴

A aproximação do relato milenar do livro genesiano e a *Epopéia de Gilgamesh* são gritantes. Nos livros citados Serra destaca que elementos como o barro para criar o homem, o dilúvio, a disputa entre o agricultor e o pastor, a Árvore da Vida, etc, são frequentes retratados.¹⁵

A *Epopéia de Gilgamesh* apresenta Enkidu como o segundo papel de maior destaque. Ele é mostrado como “um deus ligado ao mundo agrícola, em confronto com o divino pastor Dumuzi, a quem ele disputou a posse de Inana, grande deusa regente da fertilidade (a Inana suméria corresponde à Ishtar dos Acadianos). Essa disputa entre agricultor e pastor ecoa (de forma bem mais violenta) na história do Gênesis que opõe Caim a Abel”.¹⁶

Eliade também está convencido que o narrador bíblico assimila elementos da *Epopéia de Gilgamesh* e que tenha conhecido a versão mesopotâmica utilizando essa fonte arcaica para sua própria produção¹⁷. Sobre isso Serra também entende que foi Súmer (localizada na mesopotâmia) a grande fonte literária para elaborar a *Epopéia de Gilgamesh*. Tanto os assírios e os babilônios recolheram e possibilitou continuidade a literatura sumeriana, de que outros povos, como os hititas e os hebreus, são igualmente devedores.

¹⁴ SERRA, Orped José Trindade. **A Mais Antiga Epopeia do Mundo: a Gesta de Gilgamesh**. vol. I, 1ª Ed. Salvador: Fundação Cultural, 1985.

¹⁵ *Ibidem*, 1985, vol I.

¹⁶ *Ibidem*, 1985, vol I, p. 6.

¹⁷ ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis**, vol I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 p. 168.

Exemplo: é na *Tábua XI* que se fala sobre o dilúvio e conta o mito de forma acentua e significativa¹⁸.

No livro de Gênesis 2.7 a ideia de Deus criar o homem do barro (pó da terra) já era apresentada na *Epopéia de Gilgamesh* muito antes da fundação do judaísmo. Na *Epopéia de Gilgamesh* é Ururu que cria o homem do barro. Porém Gilgamesh torna-se um déspota que viola mulheres e moças e extenua os homens com trabalhos duros. Os homens pedem aos deuses misericórdia e eles os ouvem. Decidiram criar um rival para Gilgamesh, um ser de porte gigantesco tirado do barro, um homem forte e robusto.¹⁹ Segue o texto:

Os deuses, em conselho, decidem pôr termo à tirania de Gilgamesh. Dirigem-se então à divina Aruru, que em tempos remotos fizera do barro o primeiro homem: Tu que criaste o homem, ó Aruru, cria agora um rival para Gilgamesh!. Aruru lavou as mãos e pôs-se a moldar no barro da estepe o valoroso Enkidu. Dotou-o de ingente força, de um vigor tão inabalável quanto o firmamento; são longos os seus cabelos enrolados, de tranças como o trigo.²⁰

Laraia concorda com isso, pois entende que os mitemas que aparecem nos mitos bíblicos revelam-se na sua forma arcaica entre os povos da Mesopotâmia, além de expoentes das culturas Babilônica e Sumeriana.²¹

Estamos convencidos que os judeus manifestam de forma literária toda influência que assimilaram no momento de elaborar seu cânone – isso por volta de 400 a.C., durante o governo de Ezra. Ezra foi governador de Judá, a serviço de Artaxerxes I, Rei da Pérsia que segundo Laraia foi o pesquisador Musaph-Andriessse que percebeu em Ezra a responsabilidade de regulamentação dos

¹⁸ SERRA, Orped José Trindade. **A Mais Antiga Epopéia do Mundo: a Gesta de Gilgamesh**. vol. I, 1ª Ed. Salvador: Fundação Cultural, 1985, p. 10.

¹⁹ ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas**: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis, vol I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 p. 83-84.

²⁰ “EPOPÉIA DE GILGAMESH”. In_: SERRA, Orped José Trindade. **A Mais Antiga Epopéia do Mundo: a Gesta de Gilgamesh**. vol. I, 1ª Ed. Salvador: Fundação Cultural, 1985, p. 10.

²¹ LARAIA, Roque de Barros. “Jardim do Éden revisitado”. In_: **REVISTA DE ANTROPOLOGIA** - vol 40, nº 1. São Paulo: USP, 1997, p.140-164. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci_arttext. Consultado dia 20 de Março de 2012.

livros sagrados que mais tarde comporia o cânone judaico e contribuiria como autor de um dos livros²².

Profanada por Eva e Adão (Gn 3.6) a “Árvore da Ciência” revela-se no fracasso dos homens – este ato foi explicado quando eles desobedeceram o Deus judeu: Esse pecado (Gn 3. 14-23) levou o homem a perder o paraíso e revelar sua condição humana.

Tiago comenta que aquele que já provou do fruto da Árvore da Ciência pode ser chamado de iniciado, isto é, ele humaniza-se, torna-se homem racional e está preparado para comer o fruto da Árvore da Vida²³. De qualquer forma, o mito genesiano apresenta a possibilidade de viver eternamente e Deus acaba destruindo a fonte desta vida eterna conforme relata o Gênesis (3. 22) para que o homem não se torne igual a Ele.

Eliade entende que “sua desobediência denunciava seu orgulho luciferino, o desejo de assemelhar-se a Deus”, esse é o “pecado original” de Adão, tornar-se semelhante a Deus, desejar comer o fruto da Árvore da Vida (Árvore Cosmica).²⁴

Além disso, tanto o mito genesiano como a *Epopéia de Gilgamesh* mostram a necessidade que o homem tem de conhecer-se, saber sobre a vida, sobre o que é o bem e o mal, isso levou Adão a arriscar o paraíso, isso levou Gilgamesh a desafiar a si-próprio. De qualquer forma percebemos que as árvores sagradas se encontram como uma hierofania. Para Eliade

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo (...) exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais

²² LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit., p.140-164.

²³ TIAGO, Glaucio Gonçalves. **Mitos das águas**: a cultura haliêutica e seus poderosos significantes ancestrais. Mimeo, s/d. Disponível em: ftp.sp.gov.br/ftppesca/mito_das_aguas.pdf. Consultado no dia 19 de Março de 2012.

²⁴ ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas**: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis, vol I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 p. 166.

elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore.²⁵

Uma hierofania se justifica pela forma como o símbolo sagrado se manifesta, como ele se revela ao homem. Suas manifestações e realidades sagradas são desveladas ao ser. O hebreu, o egípcio, o babilônico, entre muitos povos semitas e de toda parte do mundo considera o desejo de mostrar algo que seja diferente do profano, de maneira simples, apenas o que lhe é revelado, elementar e claro a sua cultura.

O mito genesiano revela essa condição hierofonica – no mito o homem percebe a manifestação do sagrado nos elementos cotidianos – a árvore, a pedra, o cordeiro, etc. E isso acontece não apenas na cultura judaica como em varas civilizações; neste aspecto eles também aderem a uma hierofania.

Devemos lembrar que Campbell argumenta sobre o mito genesiano e lembra que esse mito trabalha com os mesmos elementos da lenda bassari:

“Um dia a Serpente disse: ‘Nós também devíamos comer desses frutos. Por que devemos ficar com fome?’ O Antílope disse: ‘Mas não sabemos nada desse fruto.’ Então o Homem e sua mulher colheram alguns frutos e comeram nos. Unumbotte desceu do céu e perguntou: ‘Quem comeu o fruto?’ Eles responderam: ‘Nós comemos.’ Unumbotte perguntou: ‘Quem lhes disse que podiam comer desse fruto?’ Eles responderam: ‘A Serpente disse.’” (*aspas do próprio texto*)²⁶

O simbolismo sempre despertou no homem a experiência intrínseca que o transformam em ato espiritual ou melhor, compreensão metafísica diante do mundo. Para Eliade o simbolismo que a árvore pode carregar oferece várias possibilidades de hierofania:

Diante de uma árvore qualquer, símbolo da Árvore do Mundo e imagem da Vida cósmica, um homem das sociedades pré-modernas é capaz de alcançar a mais alta espiritualidade: ao compreender o símbolo, ele

²⁵ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 13.

²⁶CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**: com Bill Moyers. FLOWERS, Betty Sue (org.). Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 55.

consegue viver o universal. É a visão religiosa do Mundo e a ideologia que o exprime que lhe permitem fazer frutificar essa experiência individual, “abri-la” para o universal. A imagem da Árvore é ainda muito frequente nos universos imaginários do homem moderno a religioso: constitui um marco de sua vida profunda, do drama que se desenrola no inconsciente e que diz respeito à integridade de sua vida psíquico mental e, portanto, à sua própria existência. Mas enquanto o símbolo da Árvore não esperta a consciência total do homem, tornando a “aberta” ao universal, não se pode dizer que o símbolo desempenhou completamente sua função. Ele só em parte “salvou” o homem de sua situação individual – ao permitir-lhe, por exemplo, integrar uma crise de profundidade e ao devolver-lhe o equilíbrio psíquico provisoriamente ameaçado –, mas não o elevou ainda à espiritualidade, ou seja, não conseguiu revelar-lhe uma das estruturas do real – (*aspas do próprio texto*).²⁷

A leitura do mito genesiano e seus elementos oferecem ao leitor bíblico o despertar consciente da situação individual do homem. Uma interpretação sobre o cosmos que revela sua situação (sujeito/mundo) e integrar de forma psíquica certo equilíbrio para resolver problemas de cunho metafísico que antes era impossível.

A árvore no centro do jardim é um símbolo da hierofania que oferece ao homem abrir os olhos e permitir-lhe a integrar a realidade num despertar objetivo diante de sua vida psíquica.

Entendemos que a visão de mundo e a figura da árvore oferecida no Gênesis nos leva a pensar numa ligação hierofania – o símbolo é o principal fator para estabelecermos religião. Após o pecado de Adão vem à queima do paraíso (Gn. 3.23); isso é a manifestação da transferência do símbolo religioso de adoração que era naquele momento, da Árvore da Vida (que aparece no mito de Gilgamesh) para Jeová, o Deus judaico.

Junto a Árvore da Vida estava a serpente ao qual enganou Eva e Adão. Na *Epopéia de Gilgamesh* não é diferente; após encontrar o barqueiro dos deuses, Gilgamesh navega pelos mares até chegar as águas da morte. Lá ele encontra

²⁷ ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992, p. 102.

Urshanabi que segundo Serra é o modelo para compor o personagem bíblico Noé. Urshanabi acaba falando sobre a vida e a morte – alegando que Gilgamesh não necessitaria ficar com medo da morte porque seria capaz de conseguir a imortalidade eterna se pegasse folhas da planta que crescia entre o lodo das águas profundas que cobriam o mundo das sombras²⁸.

Segundo a *Epopéia de Gilgamesh* após saber que comendo os ramos da Árvore da Vida conseguiria a vida eterna por dádiva, decidiu navegou até o meio do oceano onde crescia no fundo das águas profundas a Árvore da Imortalidade. Gilgamesh mergulhou nas águas da morte e encontrou a árvore, levando para seu barco um ramo. Alegando-se, falou a Urshanabi que voltaria para Uruk e ofereceria a todos a dádiva da imortalidade que conseguiriam se comessem as tais folhas. Fez em segurança a travessia para a terra e começou a se dirigir para casa com seu tesouro escondido num saco. No caminho, parou à beira de um lago para se banhar e trocar de roupa. Mas uma serpente que rastejava ali perto farejou o aroma paradisíaco da Árvore da Imortalidade e levou o ramo e comeu as folhas. O herói compreendeu então que era verdade o que lhe tinham dito: até o mais poderoso e mais corajoso dos heróis é humano e tem que aprender a viver com a alegria do momento e aceitar o fim inevitável.²⁹

A serpente é representada na *Epopéia de Gilgamesh* como aquela cujo o poder tem para desfazer o passado. Sobre isso Campbell:

o poder da vida leva a serpente a se desfazer de sua pele, exatamente como a lua se desfaz da própria sombra. A serpente se desfaz da pele para renascer, assim como a lua se desfaz da sombra para renascer. São símbolos equivalentes. Às vezes a serpente é representada como um círculo, comendo a própria cauda. É uma imagem da vida. A vida se desfaz de uma geração após outra, para renascer. A serpente representa a energia e a consciência imortais, engajadas na esfera do tempo, constantemente atirando fora a morte e renascendo. Existe algo extremamente horrível na vida, quando você a encara desse modo. Com

²⁸ SERRA, Orped José Trindade. **A Mais Antiga Epopéia do Mundo: a Gesta de Gilgamesh**. vol. I, 1ª Ed. Salvador: Fundação Cultural, 1985, p. 10.

²⁹ GREENE, Liz e SHARMAN-BURKE, Juliet. **Uma viagem através dos mitos: o significado dos mitos como um guia para a vida**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

isso, a serpente carrega em si o sentido da fascinação e do terror da vida, simultaneamente (...).³⁰

Campbell lembra que a figura da serpente é antiga. Ela é representada em velhas mitologias; na suméria em 3500 a.C. a serpente, a Árvore da Vida e a deusa são apresentados como símbolo de religiosidade. Eva para o judaísmo peca quando come o fruto proibido (Gn. 3.6), porém para o autor “sem esse conhecimento, seríamos todos um bando de bebês, ainda no Éden, sem nenhuma participação na vida”.³¹ Isso porque a serpente oferece a Eva bíblica a possibilidade de renascer de forma consciente diante do terror da vida.

De qualquer forma, no Êxodo 25. 31-40 Jeová ordena Moisés a criar um candelabro, ou um *kaptôr* (כַּפֹּתוֹר) que continham sete galhos (braços) feitos de ouro. Essa palavra *kaptôr* deriva da Creta ao qual teria sido importado aos ornamentos que aparecem em Êxodo 25. 31; 37. 17. Mais tarde os judeus iram utilizar a palavra *m^enôra* (מְנוּרָה) que aparecerá 42 vezes na Bíblia.³²

Essa representação do *kaptôr* é sem dúvida a simbologia da ligação do homem com Deus, a Árvore Cósmica feita de ouro no âmbito judaico deveria permanecer reluzente como símbolo da presença do sagrado. As Árvores Cósmicas são moradas que promovem centralidade sagrada em diversas culturas e no judaísmo, o **tabernáculo** só poderia manifestar a glória do sagrado quando o *kaptôr* estava no seu lugar fixado como símbolo da aprovação de Deus (Êx. 25. 31-40).

Segundo Eliade em todas as culturas tradicionais e sua concepção de morada cósmica (a habitação) engloba um caráter sagrado por reportar o mundo. As moradas primitivas árticas, norte americanas e asiáticas, por exemplo, apresenta um poste central que é assimilado ao *axis mundi*, ou melhor,

³⁰CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**: com Bill Moyers. FLOWERS, Betty Sue (org.). Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 56..

³¹ *Ibidem*, 1990, p. 57

³² HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L. e WALKER, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro *et al.* São Paulo: Vida Nova, 2008, § 1029.

ao Pilar Cósmico (conhecido como *Árvore da Vida*). As *Árvores da Vida* (ou Sagradas) liga a Terra ao Céu e desvela todo simbolismo romântico que a religião pode promover; a habitação, a casa, a moradia torna-se "*imago mundi*".³³ O símbolo da *Árvore Cósmica* como centro do mundo depende muito da forma da compreensão dos indivíduos³⁴.

Eliade argumenta que a hermenêutica dos indivíduos que constroem hierofania opera, em certo sentido, mostrando valores que não estava à mostra, ou melhor, evidente no plano da existência imediata. Sobre a *Árvore Sagrada*, temos evidência em todos os lugares do mundo, tanto na Sibéria, na Indonésia e na Mesopotâmia³⁵.

Existem traços comuns ao simbolismo e este parentesco cósmico era conhecido também pelo do homem judeu, palestino, ou entre os meríndios da América Latina.

Exemplo: pesquisadores como Miele e Gnerre falam que o sítio neolítico de *Urartu*³² (Turquia) mostrou costumes peculiares à existência e indícios religiosos relativos a simbologia da *Árvore Cósmica*; esses indícios estendia-se da atual Índia, Síria, Armênia, Iraque até o Irã. Essas particularidades mostra aproximação com povos assírios e hindus – acrescento ainda palestinos, judeus e egípcios. No rolo de cobre encontrado em *Urartu*³² são percebidas representações associado à *Árvore da Vida*.³⁶

³³ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 24. O autor lembra que quando algo se encontra na condição de *axis mundi*, considera-se a habitação, a cidade ou templo sagrado como o ponto de encontro entre o céu, a terra e o inferno.

³⁴ _____. **Imagens e Símbolos**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Editora Arcádia, 1979, p. 74.

³⁵ _____. **L'epreuve Du Labyrinthe**. Trad. J. Valente Malla. Madri: Crisandade, S. L., 1980.

³⁶ MIELE, Neide e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. **Da dança de Shiva ao espantalho no jardim: O percurso de um símbolo**. Mimeo, s/d. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/46206140/A-DANCA-SAGRADA-DE-SHIVA> . Consultado em 20 de Março de 2012.

O “Centro do Mundo” em diversos povos espalhados no planeta é apresentado por imagens e símbolos arcaicos de centralidade. Muitas vezes a Árvore Cósmica apresenta-se e mostra suas credenciais – ela sustém níveis religiosos de ritualismo.

O símbolo torna-se novelo que conduz o homem ao sagrado, exemplo: Toda Montanha Sagrada tem que ter uma fonte que liga a terra ao céu; no Horebe a sarça, planta que manifesta o sagrado (Êx. 3. 2) estabeleceu um símbolo “condutor” da terra com o céu na montanha. Ainda na Palestina, o Monte Tabor (Thabor), ou “monte dos países” segundo a tradição mesopotâmica: Tabor vem de *tabbur* e significa umbigo do mundo. Outro exemplo: “a capital do soberano chinês perfeito encontrava-se junto da Árvore miraculosa (símbolo sagrado) ‘Mastro erguido’, *Kien-mou*, no ponto onde se entrecruzavam as três zonas cósmicas: Céu, Terra e Inferno”.³⁷

Outro exemplo podemos perceber quando lemos o *Apocalipse de Baruch* capítulo 36. Compreendemos que ele tem a ideia de apresentar impérios mundiais como árvores gigantes. O desenvolvimento de um grande império e descrito por Baruch como uma árvore forte o bastante para aguentar uma inundação. Essa árvore do livro é retratada como um cedro³⁸.

Segundo Dobroruka era muito comum o tema de várias árvores simbolizando impérios mundiais e isso não é de modo algum estranho ao judaísmo do Segundo Templo. No *Apocalipse de Baruch* 36 o artigo de Debroruka mostra que as árvores da floresta representam os impérios mundiais; o cedro por seu porte acaba situando-se no relato deste evangelho como árvore de poder e símbolo de representação³⁹

³⁷ ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Editora Arcádia, 1979, p. 42 – acréscimo entre parênteses meu.

³⁸ “APOCALIPCE DE BARUCH”. In_: TRICCA, Maria Helena de Oliveira. **Apócrifos III/Os Proscritos da Bíblia**, vol I. São Paulo: Mercury, 1996, p. 297 - 348.

³⁹ DOBRORUKA, Vincente. “A literatura paradaniélica de Qumran, as idades do mundo e as monarquias mundiais: o tema da árvore cósmica”. In_: **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, vol. II, n. 3. Belo Horizonte, out. 2008. Disponível em:

A visão do *Apocalipse de Baruch* em relação a substituição do reino aparece quando ele relata que o cedro poderoso não percebe a movimentação lenta de uma videira que após ficar forte e grande se sobrepõe ao cedro e profetiza seu desaparecimento (II Br 36). Logo em seguida no capítulo 37 do *Apocalipse de Baruch* aparece relatado que o cedro queima em fogo constante e a videira se exalta em glória e poder⁴⁰.

O símbolo da Árvore Sagrada é encontrado também no *Apocalipse Persa*. Segundo Costa o *Apocalipse Persa* conhecido como *Bahman Yašt* não é um apocalipse de forma original e sim uma compilação cultural de visões apocalípticas originárias de vários povos. É um texto, cujos elementos e narrativa é de caráter apocalíptico. Os sinais apocalípticos anunciados nesta compilação anunciam o fim dos tempos.⁴¹

O *Bahman Yašt* “apresenta uma árvore com galhos metálicos (ouro, prata, aço e algo misturado com ferro) representando os reis persas, alguns místicos e outros históricos”⁴². Segundo Dobroruka os Persas sempre falam em seus escritos sobre o ferro misturado sem explicar o material de mistura; o autor lembra que Daniel, sem dúvida, teria sido influenciado por fontes persas que lhe antecedem.⁴³ Interessante notar que o paralelismo do livro de Daniel (3. 1-30) e *Bahman Yašt* são gritantes.

Mais tarde Daniel (4. 10-37) continua utilizando-se da figura da Árvore para interpretar o sonho de Nabucodonosor – o sonho do rei babilônico era a

http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/DOBRORUKA_VICENTE.pdf. Consultado dia 20 de Março de 2010.

⁴⁰“APOCALIPSE DE BARUCH”. In_: TRICCA, Maria Helena de Oliveira. **Apócrifos III**/Os Proscritos da Bíblia, vol I. São Paulo: Mercury, 1996, p. 297 - 348.

⁴¹ COSTA, Júlia Câmara da. “Árvores e Pilares Cósmicos nas Cosmogonias Indianas, na Apocalíptica Persa e em Casos Específicos Indo-Europeus”. In_: **NEARCO**: Revista eletrônica de Antiguidade – n I, ano 1. Rio de Janeiro: NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade, 2008, p. 38 - 45. Disponível em: http://www.nea.uerj.br/nearco/edicoes_anteriores/1.htm. Consultado dia 20 de março de 2012.

⁴² Ibidem, 2008, p. 42.

⁴³ DOBRORUKA, Vincente. “A literatura paradaniélica de Qumran, as idades do mundo e as monarquias mundiais: o tema da árvore cósmica”. In_: **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, vol. II, n. 3. Belo Horizonte, out. 2008.

figura de uma árvore cósmica no centro da Terra. Além disso, Costa lembra que também Ezequiel (31. 3-8) constrói sua mensagem usando como metáfora também uma *Árvore*, (cedro do Líbano) formosa banhada por águas puríssimas⁴⁴.

Outro exemplo está no xamanismo central e norte asiático onde a *Árvore Cósmica* é valorizada de forma transparente. No ritualismo quando se escala essa árvore o Xamã simboliza sua subida ao céu. Eles constroem na árvore 7 ou 9 entalhes que servem para subir. Cada nível celeste o leva a atravessar outro grau místico. No sexto nível (o céu) venera-se a lua, no sétimo o sol e no nono encontra-se com Bai Ulgän (Deus) e oferece sacrifícios⁴⁵.

Na mitologia Nórdica não é diferente, a *Árvore Cósmica* aparece como centro do mundo. Reza a mitologia que Odin, Vili e Ve após longa batalha venceram Ymir e o derrubaram; seu corpo gerou a terra, com sangue os mares, com ossos montanhas, com os longos cabelos as árvores, com o crânio o céu, com o cérebro as nuvens carregadas de granizo e neve. Com a testa do deus Ymir formaram Midgard – a terra média, morada dos homens⁴⁶.

Do corpo do gigante deus Ymir, nasce um gigantesco caule de árvore com suas raízes – Yggdrasil – elas o prendiam de forma constante e toda vez que Ymir tentava se levantar a terra tremia. A *Árvore da Cósmica “Yggdrasil”* que é traduzido como “cavalo de Odin”; vem de *Yggr* “cavalo” e *Drasil* que é Odin. É o caule gigantesco da mitologia nórdica que assume a representação da *Árvore Sagrada*. Está *Árvore* se eleva por cima do mundo e deita suas raízes nos diversos reinos. *Yggdrasil* é a *Árvore Cósmica* ou “o freixo gigante que

⁴⁴ COSTA, Júlia Câmara da. “Árvores e Pilares Cósmicos nas Cosmogonias Indianas, na Apocalíptica Persa e em Casos Específicos Indo-Europeus”. In.: **NEARCO**: Revista eletrônica de Antiguidade – n I, ano 1. Rio de Janeiro: NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade, 2008, p. 40.

⁴⁵ ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Editora Arcádia, 1979, p. 45.

⁴⁶ Segundo BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**/Histórias de Deuses e Heróis. Trad. David Jardim Junior, 26ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

recobre o mundo. Wotan, conhecido como Odin retirou um de seus galhos para fazer sua lança Gungnir".⁴⁷

Tornando-se imbatível, vencida a todos os inimigos com a lança feita do freixo gigante. Por esse feito, era chamado de todo-poderoso, onisciente e onipotente porque carregava consigo o freixo poderoso e imortal da Árvore Cósmica.

A centralidade mostrada na mitologia nórdica ou em qualquer outra quando chamamos a árvore sagrada, *signo* para interpretar formas de sacralização da vida nos mostra como o homem entendia o mundo.

A centralidade mostrada gira em torno da vida, do sagrado, do *signo* que uma árvore pode oferecer. A árvore era símbolo central das culturas antigas e forma de entender a vida. Compreender o simbolismo é está em outro plano cósmico, é compreender disparidades que se tornam entendidas no mundo metafísico.

CONCLUSÃO

Entendemos que a Árvore Cósmica tanto no mito genesiano como na *Epopéia de Gilgamesh* se apresenta como forma centralizadora e sagrada. Conseguimos compreender que esta ideia não foi um produto do judaísmo podendo ser encontrado em outras formas literárias entre tantas a própria *Epopéia de Gilgamesh*.

A compreensão da Árvore Cósmica como fator sagrado leva o pesquisador em História das Religiões perceber o *signo* cósmico como fator de ligação entre o homem e o sagrado.

⁴⁷ FRANCHINI, A. S. e SEGANFREDO, Carmen. **AS 100 MELHORES HISTÓRIAS DA MITOLOGIA**/Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana - 9 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 8.

A valorização da árvore, da sua copa, dos galhos que tocam os céus, das fortes raízes, etc, leva o indivíduo a perceber outro plano, para dizer, metafísico e hierofônico. A árvore encaixa-se no plano da revelação de algo absolutamente sagrado, fora do mundo profano onde o tema cósmico se encontra com a natureza de forma poderosa.

O ato da manifestação ritualística que envolve a adoração, a conservação do símbolo, a percepção do objeto em questão leva o indivíduo manter uma relação constituída pela manifestação que o objeto pode oferecer caminhos de interpretação da realidade.

Entender o significado na Árvore Cósmica, não apenas no mito genesiano ou na *Epopéia de Gilgamesh* é está ciente que a manifestação do sagrado nas religiões primitivas se estabelece pela realidade vivida pelos indivíduos.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia/Histórias de Deuses e Heróis*. Trad. David Jardim Junior, 26ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito: com Bill Moyers*. FLOWERS, Betty Sue (org.). Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COSTA, Júlia Câmara da. “Árvores e Pilares Cósmicos nas Cosmogonias Indianas, na Apocalíptica Persa e em Casos Específicos Indo-Europeus”. In: *NEARCO: Revista eletrônica de Antiguidade – n I, ano 1*. Rio de Janeiro: NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade, 2008.
- DOBRORUKA, Vincente. “A literatura paradaniélica de Qumran, as idades do mundo e as monarquias mundiais: o tema da árvore cósmica”. In: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, vol. II, n. 3. Belo Horizonte, out. 2008.
- ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*, vol I. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Editora Arcádia, 1979, p. 74.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIADE, Mircea. *La Prueba del Labirinto*. Trad. J. Valente Malla. Madri: Crisandade, S. L., 1980.
- FRANCHINI, A. S. e SEGANFREDO, Carmen. *As 100 melhores histórias da mitologia/Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana - 9 ed.* Porto Alegre: L&PM, 2007.
- GREENE, Liz e SHARMAN-BURKE, Juliet. *Uma viagem através dos mitos: o significado dos mitos como um guia para a vida*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L. e WALKER, Jr. Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro et al. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- JOSEFO, Flávio. "Antiguidades Judaicas". In: *História dos Hebreus*. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.
- LARAIA, Roque de Barros. "Jardim do Éden revisitado". In: *Revista de Antropologia - vol 40, nº 1*. São Paulo: USP, 1997, p.140-164. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003477011997000100005&script=sci_ar ttext. Consultado dia 20 de Março de 2012.
- MIELE, Neide e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. *Da dança de Shiva ao espantalho no jardim: O percurso de um símbolo*. Mimeo, s/d. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/46206140/A-DANCA-SAGRADA-DE-SHIVA> . Consultado em 20 de Março de 2012.
- OLIVEIRA, Fábio Falcão. "Mulher, Esquecida da Teologia, Banalizada pelo Homem". In: VALENTIN, Ismael Forte e OLIVEIRA, Fábio Falcão. *Revista Edifica/Teologia, Filosofia e Educação – Ensaios Teológicos*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Degaspari, N. I. junho de 2010
- SERRA, Orped José Trindade. *A Mais Antiga Epopeia do Mundo: a Gesta de Gilgamesh*. vol. I, 1ª Ed. Salvador: Fundação Cultural, 1985.
- TIAGO, Glaucio Gonçalves. *Mitos das águas: a cultura haliêutica e seus poderosos significantes ancestrais*. Mimeo, s/d. Disponível em: ftp.sp.gov.br/ftppesca/mito_das_aguas.pdf. Consultado no dia 19 de Março de 2012.
- TRICCA, Maria Helena de Oliveira. *Apócrifos III/Os Proscritos da Bíblia*, vol I. São Paulo: Mercury, 1996.